

O CASO RICARDO LÍSIAS E O RETORNO DO AUTOR

Pamella Oliveira Costa-Almeida (UFG)¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o atual caso em torno do autor Ricardo Lísias, enquanto representante do uso da experiência como material literário, o diálogo com as teorias da autoficção (embora o autor negue fazê-la) e a influência do paratexto na interpretação a partir do retorno do autor à cena crítica que norteia a recepção do texto. Trata-se aqui de uma pesquisa que procura analisar, na literatura brasileira contemporânea, as estratégias de Lísias a partir da observação da construção da experiência vivida que rodeia a ficção. Para isso, serão utilizadas as considerações de Eurídice Figueiredo (2013, 2014), Luciene Azevedo (2008, 2010), Leonor Arfuch (2002) e Serge Doubrovsky (2014) como suporte teórico no tocante às questões autorais e autoficcionalis.

Palavras-chave: Literatura brasileira; retorno do autor; autoficção


Introdução

“Também a memória tem seus dias contados”. (Júlio Castañon Guimarães)

Ricardo Lísias, atualmente um expoente da Literatura Brasileira Contemporânea devido às suas constantes aparições midiáticas principalmente em polêmicas envolvendo seu nome, é representante de uma prática comum da narrativa nacional: o uso de experiências pessoais atribuídas a personagens fictícios. Isso vem gerando muitas discussões acerca dos limites entre real e ficcional, verdade e criação, público e privado. Este estudo visa a investigar as novas facetas criadas pelo e para o autor e os novos formatos de gênero que dificultam a definição estanque das expressões narrativas deste século de constante redução da privacidade, com base no *corpus* analítico formado pela obra recente de Ricardo Lísias.

Considerado por Leyla Perrone-Moysés como um dos melhores escritores brasileiros, o autor causa polêmica desde suas primeiras publicações. Passando por essas questões, não nos furtaremos da discussão em torno do motivo da preferência pela ficção ao invés da assunção do caráter autobiográfico da obra. A participação maciça do

¹ Graduada em Letras (UFJF), Mestra em Estudos Literários (UFJF), Doutoranda em Letras & Linguística (UFG). Contato: pamellacalmeida@gmail.com.




autor vem sendo uma constante na Literatura, se tornando um assunto sempre em pauta nas rodas e eventos literários, contrariando a máxima de Roland Barthes que propunha a “morte do autor” (2004).

A participação midiática do autor vem, cada vez mais, se aliando à crítica literária. Isso porque, se antes o texto bastava em si mesmo e servia como principal ser compreendido apenas a partir do que estava escrito, seus passos são friamente analisados pelos críticos ávidos por pistas que possam auxiliar na elucidação do problema criado em torno da discussão autor-narrador-personagem. A figura do autor, seus livros publicados (e mesmo suas publicações em redes sociais) e suas experiências pessoais servem como material para a criação artística, além de alimentarem as discussões teóricas. Isso contribui para as diversas discussões que existem atualmente e que colocam em cheque as antes estanques definições de público e privado, conceitos que são hoje muito questionados (e questionáveis). Dessa forma, a privacidade vem paulatinamente ocupando o espaço outrora destinado à esfera pública.

Através da análise dessas ocorrências na obra de Ricardo Lísias, autor brasileiro, que também é Doutor em Literatura e professor universitário, pretende-se levantar questões relevantes para esse trabalho. A partir de sua obra, procuramos expandir as margens acerca das definições de gênero nas quais se buscam delimitar as narrativas, e que, no entanto, não parecem mais suficientes para definir todas as expressões narrativas. O autor, seguindo uma corrente comum na literatura contemporânea, atribui um discurso memorialístico aos personagens ficcionais; essas memórias, no entanto, dialogam muito com as vivências pessoais dos próprios autores. Para isso, contar-se-á com o amplo apoio das entrevistas do autor concedidas a diversos canais midiáticos e à crítica especializada.

A discussão entre autor-narrador-personagem é constante na obra de Lísias. Assim, pretendo, a partir da análise desse significativo expoente da literatura brasileira contemporânea e desse autor ícone, buscar as respostas para as questões crescentes acerca da participação do autor no cenário midiático enquanto subversão do interesse original do leitor, uma vez que sua presença na mídia desperta mais a curiosidade do leitor pelo texto.

Por isso, será alto neste trabalho, cuja intenção é abordar a forma como essa estratégia autoral se dá e ainda analisar as questões suscitadas pelas referências a




acontecimentos reais, e o labirinto que isso cria na mente do leitor comum. Pretende-se responder às seguintes questões: a participação midiática interfere na interpretação dos textos? Como a autoficção age nesse processo? Como a memória atua na elaboração da ficção? A escrita, ainda que ficcional, faz parte do processo de esquecimento? Pode-se considerar que o leitor é parte integrante do processo criativo? O que Lísias atinge por meio da ficção? Por que usar a ficção e não assumir a escrita autobiográfica?

1. O autor em tempos de mídias sociais

Ricardo Lísias é um nome de peso na cena ficcional brasileira. O autor integrou a 9ª edição brasileira da revista britânica *Granta*, em número que selecionou contos de jovens autores. Lísias constantemente precisa retomar o assunto em entrevistas e textos (inclusive em suas páginas pessoais das redes sociais), para afirmar que tudo é apenas ficção. Seu romance *Divórcio* (2013) causou fervor na cena literária nacional, uma vez que o personagem narra a experiência de um divórcio conturbado. Ora, não haveria dúvida sobre isso, exceto pelo fato de o autor ter vivido situação parecida pouco tempo antes do lançamento do livro, com diversos pontos de convergência. Isso abriu precedentes para diversas especulações acerca de uma possível vertente autobiográfica (motivo que levou o autor, inclusive, ao tribunal, em um processo movido por sua ex-esposa).

Suas constantes aparições midiáticas enervaram ainda mais o termo autoficção, que alimenta inúmeras discussões acerca da prática que, apesar de recentemente nomeada, se mostra antiga, e a discussão acerca disso ganha cada vez mais espaço nas discussões literárias, principalmente acadêmicas. Ela vem, assim, ilustrando constantemente as discussões sobre as relações entre autor e obra, ficção e experiência, sempre expandindo o debate e criando novos laços e trajetórias, o que é muito instigante para os estudos literários contemporâneos. É nessa seara em que esta pesquisa se faz necessária e também pretende ser relevante para os próximos estudiosos do assunto. Por fim, esta pesquisa é importante, sobretudo, devido à carência de fortuna crítica acerca de narrativas autoficcionais no Brasil e, mais especificamente, com relação à obra de Ricardo Lísias, uma obra inovadora na literatura nacional.

Partindo do termo “autoficção” cunhado por Serge Doubrovsky a fim de dar uma resposta à análise de Philippe Lejeune (2006), é possível analisar, em contraponto com




as teorias francesas do termo, e a recepção da obra no Brasil mediante o mesmo termo, que conta em grande parte com a mídia jornalística – motivo pelo qual falar em autoficção se tornou uma árdua tarefa, já que a palavra se tornou um conceito usado para muitos fins, o que, afinal, acaba não definindo seu objeto.

Funcionando como um dos aportes responsáveis por instaurar autores no panteão das grandes celebridades das letras, a crítica jornalística é uma grande aliada na divulgação e explanação de projetos, principalmente os mais ousados. Essa forma de divulgação está amplamente atrelada à própria performance do autor no cenário das mídias sociais que vem, paulatinamente, ganhando espaço enquanto chave de interpretação.

Ricardo Lísias, indo a favor da atual corrente literária, suscita discussões acerca de realidade e ficção, verdade e mentira, embora, contudo, negue a possibilidade de estar escrevendo memórias ou mesmo estar fazendo autoficção. Em suas obras mais recentes, nem a identidade nem a definição das vozes narrativas são lineares, todos esses elementos se apresentam de forma híbrida e multifacetada.

Este século ficou marcado pela participação assídua do autor no circuito midiático, tanto em feiras e eventos literários, entrevistas a veículos jornalísticos, como também nas redes sociais (que são, muitas vezes, extensões de suas obras). Participações desse tipo constroem um “espaço biográfico” (ARFUCH, 2010) que sustenta as teorias em torno da veracidade de informações dadas como ficcionais, e são alvo dos leitores que, cada vez mais, querem saber o que o autor tem a dizer além do texto. Isso fez com que o autor pudesse também ousar ser personagem literário e carregar referências autobiográficas que, no entanto, não consistem em verdades biográficas, mas, ao contrário, estimulam a indecisão, causam o desconforto do não saber. O leitor, assim, deixa de ser passivo, e passa a agir no texto, pois sua interpretação pode mudar drasticamente todo o enredo.

Não se pode negar, no entanto na relevância do fato de Lísias ter um papel duplo enquanto crítico literário e também produtor de literatura, essa é uma prática comum entre os autores contemporâneos, principalmente aqueles que dialogam com o conceito de autoficção. No caso do autor, ainda é possível considerar talvez um terceiro papel que é o de agente literário, pois ele mesmo se empenha em distribuir sua obra. Essa atitude é muito interessante para o ponto de vista do crítico, pois leva à baila inúmeros




questionamentos tanto no quesito literário quanto na função mercadológica que a literatura exerce. Esse assunto, porém, não será abordado aqui.

O maior incentivo, no Brasil, para que o autor voltasse a circular entre os meios, foi a estabilidade financeira ocasionada pelo plano real (segundo aponta Schøllhammer (2009)), pois isso permitiu um aumento dos eventos literários, aumento dos veículos de comunicação voltados para a literatura etc. A fama do autor foi ocasionada por esse fenômeno, como aponta o crítico, e aquele passou, então, a participar ativamente das festas literárias, figurar sempre nos jornais e nos programas de televisão, dando uma atenção especial à figura do autor, que deixou de ser apenas a figura da contracapa dos livros. Além disso, não se tornou incomum o autor participar midiaticamente antes mesmo que publicar um livro. No caso de Lísias, seu principal aporte de divulgação foram as redes sociais, ele chegou a distribuir seus textos em comunidades do Orkut para fãs de literatura contemporânea. No caso desse autor, em sintonia com diversos casos presentes na literatura brasileira, ele atua como um agente duplo, uma vez que é crítico e, ao mesmo tempo, romancista, dessa forma age como criador e crítico literário, o que ocorre que, muitas vezes, a teoria precede a obra.

Karl Erik Schøllhammer, ao questionar o leitor, na apresentação de seu livro *Ficção Brasileira Contemporânea* (2009), sobre o que poderia ser o contemporâneo (retomando Agamben, Barthes e Nietzsche), afirma que isso pode ser caracterizado pela urgência. O escritor contemporâneo, que antes almejava ser o artista de seu tempo, hoje tem pressa, urge em dizer. A literatura contemporânea se destaca, principalmente, pela urgência e a presentificação.

A crítica dessa literatura ressalta, principalmente, seus traços de “presentificação, além do visível imediatismo do processo criativo e a ansiedade de articular e de intervir sobre a realidade presente conturbada” (p.12), em diálogo com o que diz Lyotard. Segundo o filósofo, o autor pós-moderno ganhou um sentido de posicionamento existencial diante dessa impossibilidade, motivo pelo qual ele “se faz presente no instante da experiência afetiva como pura possibilidade de mudança na relação entre o sujeito e sua realidade e, simultaneamente, como ameaça de que nada vai acontecer” (p.12). Isso acontece a partir do momento em que o passado urge para o sujeito quebrado, assim, há uma ruptura entre a linearidade e o homem moderno, motivo pelo qual, como aponta Schøllhammer no autor contemporâneo a intensa



preocupação de criar sua própria presença, através da imposição de sua presença performativa.


O autor contemporâneo urge entrar em contato com seu leitor, lhe ouvir, lhe criticar. Segundo Schøllhammer, essa intenção imediatista é desafiada pela divulgação da obra e pelo tempo necessário para que o texto encontre o leitor. Ricardo Lísias, no entanto, na contramão dessa afirmação, opera, além da função de crítico e autor, como editor de sua obra. Distribui seus textos (utilizou, durante muito tempo, das comunidades do Orkut para isso) e não é difícil encontrarmos seus comentários nos blogs que publicam resenhas de seus livros. Ele estreita os laços entre o leitor e o autor. Além de encurtar os caminhos entre o autor e os olhos dos editores tradicionais, essa atitude permitiu que a crítica também fosse feita de forma quase imediata.

Os hibridismos que unem conceitos que deveriam se anular, como é o caso da autoficção, que une autobiografia e ficção, dois termos teoricamente excludentes entre si, acaba criando novas estruturas para o mercado editorial. Esse quase-gênero foi apontado por Lísias, em entrevista, como uma forma pessoal que prefere utilizar, pois parece ser preferência do público. Sua dicção com um viés autobiográfico serve, assim, como um laboratório narrativo em que é preciso ousar, sem, no entanto, saber das consequências disso.

2. “Morro só mais uma vez”

O personagem apresentado por Ricardo Lísias em *Divórcio* (Ed. Alfaguara, 2013), é um homem recém separado de sua também recém esposa. O trauma do rompimento é exposto já nas primeiras páginas do livro e o sentimento de sufocamento é descrito na imagem da capa (em que apresenta um rosto humano coberto por um material parecido com uma sacola plástica). Além da imagem da capa, o personagem é constantemente descrito como um corpo sem pele e a sensação de estar morto impera. Pode-se relacionar essa questão, assim como os piques de memória como uma resposta ao trauma: “Nos momentos seguintes, não sei o que aconteceu. Tenho pontos obscuros na minha vida entre agosto e dezembro de 2011. Neles, devo estar morto” (LÍSIAS, 2013, p.7).

O divórcio do personagem, como a própria tensão presente na questão por si só, se dá ainda de uma forma muito traumática, por meio da leitura do diário íntimo de sua




parceira. Nele, ela demonstrava profundo desprezo por seu recém marido e ainda confessava uma traição. Em uma das ocorrências desse diário, aliás, é quando descobrimos o que é impossível negar pelo resto do texto: o personagem se chama Ricardo, exatamente como o nome do autor estampado na capa do livro. Segundo o “Pacto Autobiográfico” proposto por Philippe Lejeune (2008), um dos elementos principais para que um texto seja lido como autobiográfico, é a coincidência entre os nomes do personagem e da capa. As teorias da autoficção, no entanto, comprovam que isso já não pode mais ser considerado tão decisivo assim, uma vez que também há de se considerar a inscrição na folha de rosto (na ficha bibliográfica), considerada essa como o contrato de leitura com o autor, a inscrição de romance ou de autobiografia deve ser respeitada a fim de que se garanta a leitura.

No entanto, Lejeune é categórico quando diz que, além da coincidência de nomes, a autobiografia exige que seu autor firme o pacto de forma explícita com seus leitores. A autobiografia não aceita, portanto, pactos unilaterais. Em uma perspectiva lejeuniana, se o autor não assume falar de si, essa não será uma abordagem permitida. É possível que assumamos essa leitura, mas não podemos ignorar as pistas deixadas pelo autor através de seu personagem e narrador.

Há entre eles inúmeras características que tornam impossível a dissociação de traços da experiência. Uma delas é a menção de títulos de livros lançados pelo autor do livro e que tem o mesmo nome do escritor e personagem do romance em questão. Como no trecho a seguir:

Peguei a agenda e anotei o que havia de mais urgente para aquele dia. Tenho-a até hoje, seis meses depois. Preciso dar aula, confirmar a viagem ao Recife e, a todo custo (escrevi mesmo “a todo custo”), retomar *O céu dos suicidas*. No dia seguinte, mandaria finalmente meu conto para concorrer a um lugar na revista *Granta* que selecionaria os vinte melhores escritores brasileiros com menos de quarenta anos. (LÍSIAS, 2013, p.66).

No trecho, há duas menções de fatos que sabemos em comum com Ricardo Lísias: ele de fato concorreu à publicação na revista *Granta* (foi selecionado, aliás, com um trecho do romance *Divórcio*, lançando em 2013); além de ter publicado, em 2012, um livro intitulado *O céu dos suicidas*, também pela Editora Alfaguara.




Karl Erik Schøllhammer, ao questionar o leitor, na apresentação de seu livro *Ficção Brasileira Contemporânea* (2009), sobre o que poderia ser o contemporâneo (retomando Agamben, Barthes e Nietzsche), afirma que isso pode ser caracterizado pela urgência. O escritor contemporâneo, que antes almejava ser o artista de seu tempo, hoje tem pressa, urge em dizer. A literatura contemporânea se destaca, principalmente, pela urgência e a presentificação.

A crítica dessa literatura ressalta, principalmente, seus traços de “presentificação, além do visível imediatismo do processo criativo e a ansiedade de articular e de intervir sobre a realidade presente conturbada” (p.12), em diálogo com o que diz Lyotard. Segundo o filósofo, o autor pós-moderno ganhou um sentido de posicionamento existencial diante dessa impossibilidade, motivo pelo qual ele “se faz presente no instante da experiência afetiva como pura possibilidade de mudança na relação entre o sujeito e sua realidade e, simultaneamente, como ameaça de que nada vai acontecer” (p.12). Isso acontece a partir do momento em que o passado urge para o sujeito quebrado, assim, há uma ruptura entre a linearidade e o homem moderno, motivo pelo qual, como aponta Schøllhammer no autor contemporâneo a intensa preocupação de criar sua própria presença, através da imposição de sua presença performativa.

O autor contemporâneo urge entrar em contato com seu leitor, lhe ouvir, lhe criticar. Segundo Schøllhammer, essa intenção imediatista é desafiada pela divulgação da obra e pelo tempo necessário para que o texto encontre o leitor. Ricardo Lísias, no entanto, na contramão dessa afirmação, opera, além da função de crítico e autor, como editor de sua obra. Distribui seus textos (utilizou, durante muito tempo, das comunidades do Orkut para isso) e não é difícil encontrarmos seus comentários nos blogs que publicam resenhas de seus livros. Ele estreita os laços entre o leitor e o autor. Além de encurtar os caminhos entre o autor e os olhos dos editores tradicionais, essa atitude permitiu que a crítica também fosse imediata.

Considerações finais

Não é possível falar de autoficção sem considerarmos a cultura midiática do século XXI. E não se pode considerar sua inserção nas escritas de si sem que esse ponto



seja considerado, isso porque o autor, sem a mídia, permanece um desconhecido, é a sua aparição pública nos veículos de informação que o trazem à tona. A partir disso, pode-se considerar que o autor tem rosto. Os leitores, por isso, passaram a buscar avidamente saber mais sobre os autores, fossem pelas entrevistas, vídeos online, feiras literárias ou noites de autógrafos.

O que convencionou-se chamar de “retorno do autor” gira em torno da crise do sujeito e da noção de verdade. Esse autor contemporâneo proporciona um novo olhar sobre o sujeito híbrido e multifacetado e, por mais que tente se fazer crer, sua palavra não basta para convencer o leitor, uma vez que seu relato é questionável, já que não possui uma base referencial, já que é espetacularizado.

Embora o leitor tente encontrar o sujeito da autoficção, essa ação fica prejudicada, essa relação é colocada em um tom crítico da sociedade do espetáculo, muito comum atualmente em que a primeira pessoa é o foco principal em diversos programas de TV e nas redes sociais. Baseados no interesse crescente pela realidade alheia, os escritores utilizam-se perversamente dessa manobra para ludibriar o leitor e utiliza-se de inúmeras fórmulas para fazê-lo crer ser verdade o que lê, com fotos e referência reais.

Não se trata, de forma alguma, de chegar a uma conclusão definitiva a respeito da obra de Ricardo Lísias ou mesmo outras que, por afinidade, se encaixem nas descrições aqui abordadas. Essa seria uma análise simplista das complexas e entrelaçadas questões em vigor na literatura nacional. O projeto experimental de Lísias é inovador e instigante, por isso merece tempo de maturação e perspectivas para análise, o que tornará talvez sua abordagem páreo para o tamanho de seu empreendimento literário.

Dessa forma, trata-se aqui de um primeiro passo em uma pesquisa que procura analisar, na literatura brasileira contemporânea, a ficção enquanto construção da experiência vivida, na qual os autores lançam mão de suas memórias pessoais para dar voz a seus personagens, através do processo de construção da ficcionalização do eu. Esse processo, entretanto, em muito se deve ao fenômeno do retorno do autor à cena literária. A reflexão acerca do caráter autobiográfico de uma narrativa é impossível senão pelo espaço biográfico que o leitor acessa a respeito do autor, através de entrevistas, aparições públicas e redes sociais.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O autor como gesto. In: *Profanações*. Trad. Silvína J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, p.49-57.

AZEVEDO, Luciene A. de. *Autoficção e literatura contemporânea*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 12, 2008. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/revista/2008/12>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

_____. Ricardo Lísias: versões do autor. In: CHIARELLI, S. (et al) (orgs.). *O Futuro pelo Retrovisor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. P. 83-109.

_____. Representação e performance na literatura contemporânea. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 16, p. 80-93, dez. 2007. ISSN 2317-2096. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1407/1505>>. Acesso em: 30 ago. 2016.


BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

_____. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. A Morte do Autor: um retorno à cena do crime. *Rev. Criação Crítica*, São Paulo, n. 12, p.161-171, jun. 2014 Disponível em: <http://revistas.usp.br/criacaoecritica>. Acesso em: 18/02/2015.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

_____. Roland Barthes: da morte do autor ao seu retorno. *Rev. Cria. Crít.*, São Paulo, n. 12, p.182-194, jun. 2014. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: 09 11 2014.



HIDALGO, Luciana. Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas. *Alea*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 15, p.218-231, jun. 2013a. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v15n1/a14v15n1.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *Ensaaios sobre autoficção*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

LÍSIAS, Ricardo. *Divórcio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

_____. *Perfil Facebook*. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/ricardo.lisias?fref=ts>. Acesso em 20 ago. 2016.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.